

Mídia, história e memória: uma análise do programa Salto para o Futuro na formação docente

Media, history and memory: an analysis of the Salto para o Futuro program in teacher training

Celso Luiz Júnior*
Tatiana de Freitas Silva**

Palavras-chave:
História da Educação
Formação docente
Mídia

Resumo: Na década de 1990 a TV alcança no Brasil o seu auge como veículo de comunicação de massa. Este objeto midiático influencia a educação e a formação de professores. Foi criada neste contexto pela TV/Escola do MEC um programa com objetivo de atender a demanda da defasagem formativa dos professores. Tal programa intitulado Salto para o Futuro, visava compor a grade de programação televisiva e ainda, ser um meio de formação continuada de professores da educação básica em território nacional. Este artigo, baseado na perspectiva da história da educação e nas teorias críticas do currículo propõe uma análise de parte desses vídeos a fim de compreender como essa linguagem foi utilizada por parte do Estado para atender a demanda formativa de professores. As considerações apontam para a tendência de formação aligeirada que efetivamente não foi capaz de resolver esse complexo problema educativo, mas enquanto experiência se faz relevante ser analisada enquanto objeto histórico e científico.

Keywords:
History of Education
Teacher training
Media

Abstract: In the 1990s, TV reached its peak in Brazil as a vehicle for mass communication. This media object influenced education and teacher training. In this context, MEC's TV/Escola created a program to meet the demand for teacher training. This program, called *Salto para o Futuro* (Leap into the future), was intended to be part of the television programming grid and also to be a means of continuing training for basic education teachers throughout the country. This article, based on the perspective of the history of education and critical curriculum theories, proposes an analysis of part of these videos in order to understand how this language was used by the state to meet the demand for teacher training. The considerations point to the trend towards lighter training, which has not actually been able to solve this complex educational problem, but as an experience it is relevant to be analyzed as a historical and scientific object.

Recebido em 24 de setembro de 2023. Aprovado em 1º de fevereiro de 2024.

Introdução

Sabe-se que a busca pelo conhecimento de todo indivíduo ocorre cotidianamente em todos os espaços da vida em sociedade, pois as trocas culturais podem e devem ensinar para que haja crescimento pessoal, individual e coletivo de uma sociedade. No

entanto, quando se trata de profissionalização de professores, a capacitação para o ofício pede um período de intenso trabalho e estudos. Nesse sentido, existe a preparação inicial, que é um momento privilegiado no trabalho docente e que é feita para fornecer a esse docente o suporte necessário ao início da carreira. E há também a formação permanente, que deve acontecer durante a

* Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP. Professor do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina – UEL. E-mail: celsoluizjr@uel.br.

** Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Londrina – UEL. E-mail: taty_freitas09@hotmail.com.

vida profissional do professor de forma constante. (Gimeno Sacristán, 1999; Imbernón, 2002; Nóvoa, 1995; Tardif, 2009).

O discurso político preponderante indicou a educação escolar como uma prioridade, assim como a formação docente. Contudo, as propostas efetivadas na prática não se coadunam com esse discurso. Nessa perspectiva, as políticas públicas voltadas à preparação dos mestres foram redigidas objetivando oferecer aos docentes do país preparação adequada para o ofício. Este fato, de acordo com não se registra com efetividade,

A formação inicial ocorreu com morosidade ao longo da História da Educação Brasileira. (Romanelli, 2012; Saviani, 2000,2006a, 2006b, 2007; Tanuri, 2000) desde a fundação da escola normal durante o Império (1845) ou ainda no descompasso com os cursos superiores voltados ao magistério, que se consolidaram durante a República, se compararmos o Brasil a outros países até mesmo da América Latina.

Considerando-se a formação continuada, diante das poucas iniciativas concretas na história da educação brasileira para essa modalidade, não raro quando foram apresentados tais projetos, estes traziam características do paradigma instrumental de uma preparação para o fazer, impregnada de uma dinâmica de treinamento empresarial.

A formação contínua, continuada ou permanente não foi tratada com prioridade nas políticas públicas de educação, apresentadas na forma de programas denominados de treinamento ou reciclagem. Terminologias já ultrapassadas ainda em seus contextos, foram aplicadas para corrigir distorções ou a falta de preparo inicial dos profissionais da educação e não para alimentá-los de novas teorias que serviriam a uma nova práxis, a fim de romper com a dicotomia teoria/prática.

Caso emblemático são as complementações pedagógicas ofertadas na década de 1990, que ofereciam aos docentes da Educação Básica, formados em cursos de licenciatura curta, a complementação de carga horária, a fim de converter a licenciatura curta em licenciatura plena.

Mesma perspectiva presente nos docentes egressos dos cursos Magistérios Secundários, que foram capacitados nos cursos superiores, chamados de curso Normal Superior. Essa dinâmica de

aceleração da formação coaduna com um discurso político de investimento em educação, típico das políticas emergentes pós anos 1990, dentro do contexto que Saviani (2006b) classificou como concepção produtivista de escola, para a qual as políticas públicas educacionais deveriam responder às demandas internacionais, produzindo altos números de profissionais certificados.

Segundo essa concepção, é dada grande importância aos números propostos pelo Banco Mundial, por exemplo: quantos alunos concluem anualmente cada um dos níveis de ensino; quantos professores se formam para atuar na Educação Básica; qual a proporção de alunos/professores. Dentro dessa lógica, é calculado quanto custa todo esse processo e de que forma podem ser calculados os custos para atingir as metas aplicadas a cada um dos países no segmento da Educação. Tais metas são estipuladas pelo Banco Mundial, pela Unesco e pelo Fundo Monetário Internacional, na forma de um ranqueamento internacional, no qual o Brasil está inserido. (Oliveira; Fonseca, 2001).

Para quantificar os números, são utilizados instrumentos oficiais de aferição, como o censo escolar e avaliações em larga escala, como o ENADE e o ENEM. Para medir a capacidade dos docentes que estão se formando em cursos de licenciatura, o Instituto Nacional de Pesquisa Anísio Teixeira (INEP), órgão do Ministério da Educação.

Ressalta-se que a formação continuada de professores na década 1990, usando mídias, como o uso de vídeos obedece à mesma lógica de mercado: ofertar cursos a um número grande de docentes da Educação Básica, que trazem consigo cicatrizes de uma preparação inicial aligeirada e simplista, marcada, normalmente, pela cisão entre teoria e prática, aplicada em grande medida pelas escolas normais e cursos de licenciaturas, em muitos casos licenciaturas curtas.

Cursos com apresentação de vídeos demonstraram-se muito eficazes. O termo eficaz, inclusive, é próprio da linguagem administrativa aplicada à educação a partir do período (década de 1990), que significa a razão entre investimento e produção. O investimento dos governos, tanto estaduais quanto federal, ao proporem programas de formação por vídeos, passa por alguns pontos que salientam essa eficácia, tal como uma empresa

quando propõe um treinamento ao colaborador para que este execute uma tarefa que lhe fora atribuída.

O primeiro aspecto na lógica tempo/investimento a ser considerado é o tempo. Como, nesses cursos, havia polos de aprendizagem, os(as) professores(as) estudavam no contraturno, ou seja, após ministrarem aulas de manhã e/ou à tarde. Dessa forma, o(a) professor(a) capacitava-se sem se afastar das atividades de sala de aula ou coordenação pedagógica, por exemplo. Ainda sobre o tempo, os cursos eram esporádicos, sendo frequentados uma vez por semana pelos professores-alunos nos polos, fato que não prejudicaria seu tempo de trabalho docente.

Relativo aos polos de aprendizagem, abre-se o precedente para mencionar outro aspecto da lógica administrativa: no caso, o espaço. O Espaço de treinamento ou de formação continuada eram cedidos por escolas estaduais, que serviam para alojar os(as) professores(as) quando estavam em treinamento ou em curso. Tais escolas, por sua vez, não deixavam de atender a demanda de alunos da Educação Básica e, para isso, tinham o seu espaço compartilhado.

Outro aspecto que chama atenção é o emprego das tecnologias de informação e comunicação, TICs, com intuito de economizar recursos com o processo formativo docente, o que pode contribuir com a formação aligeirada de antes. O uso da tecnologia é fundamental na vida contemporânea.

Consideram-se como tecnologia educacional os livros, quadro negro, giz, projetores de slides, portanto nada há contra a tecnologia educacional ou as TICs de modo geral. Contudo, pode ser problemático o Estado se valer das tecnologias para dar continuidade à mesma cultura de formação de professores.

O Vídeo e a formação continuada de professores em meados de 1990

Questiona-se que a formação não presencial por meio de recursos audiovisuais como o VHS, nos anos 1970-1980, passando pelo formato DVD, nos anos 1990, a transmissão de dados via satélite, a

partir dos anos 2000, e as plataformas de aprendizagem, como o sistema *Moodle*; *Classroom*; *Meet*; vem colaborando com a capacitação aligeirada de professores nos dias de hoje.

Com a chegada da década de 1990, algumas práticas permaneceram no processo de formação continuada de professores da Educação Básica por meio de vídeos. A novidade que se construiu na época foi a TV/Escola do MEC – TVE Brasil e o programa Salto para o Futuro.

Em 1991, começou a ser exibida, pela TVE Brasil, a primeira edição do Jornal da Educação, que se tornou projeto piloto do programa Um Salto para o Futuro, o qual conseguiu abrangência nacional a partir de 1992. Em 1995, esse programa incorporou-se à grade de programação da TV/Escola, sendo denominado, a partir daí, de Salto para o Futuro.

O Salto, como ficou conhecido, atingia ao professorado de duas maneiras: por meio de um programa de televisão diário voltado para educação de maneira mais informal, com a intenção de que os(as) professores(as) pudessem assisti-los em casa e que agregassem mais conhecimento durante o tempo em que não estivessem na escola, e, ainda, a partir de instalações, em diversas escolas públicas do país, de salas de aula dotadas de infraestrutura, como videocassetes e TV em cores.

Essas salas dotadas de material para transmissão telemática foram chamadas Telessalas, projetadas para serem utilizadas especificamente na formação continuada dos professores da Educação Básica pública. Na prática, o Salto constituiu-se como uma experiência piloto de educação a distância no país, de acordo com a propaganda da TVE BRASIL.

O conteúdo trabalhado apresentava temas como: sexualidade humana, educação de adultos, ensino de matemática, ensino de artes, cotidiano escolar, dentre outros. Os cursos eram de 40 horas e valiam para certificação e ascensão no plano de carreira de alguns estados.

Ao analisar as fitas e DVDs do Salto, observa-se que os programas são constituídos de mesas redondas compostas por professores(as), em geral, do Ensino Superior e intelectuais da Educação, orientados por um mediador, e debatem os mais diversos temas, como Inclusão, Diversidade, Ensino

de Matemática, Ensino de Ciências, Educação Indígena etc.

Há, ainda, nas características do Salto, a proposição de novas práticas de ensino. Aliás, a preocupação com a prática de ensino e com o ensinar melhor se fez presente no Salto desde sua primeira proposta.

O objetivo dos debates sempre foi trazer diferentes tendências no campo da educação e, assim, contribuir para a reflexão da prática em sala de aula tanto nas áreas do conhecimento que integram o currículo quanto nas questões que expressam a diversidade da sociedade. (Mendonça, 2012, p.01).

Mais uma vez, constata-se a cisão entre teoria e prática disposta na proposta do programa e no discurso pedagógico de suas fitas. (Gimeno Sacristán, 1999). Essa dicotomia é presente na tarefa docente e não é benéfica ao processo de ensino e aprendizagem. Contudo, a questão complica-se, pois os(as) professores(as) foram formados(as) em projetos curriculares em que se fez presente o distanciamento entre teoria e prática.

Se, por um lado, foi uso comum, a partir da década de 1990, por parte do Estado, promover a formação continuada de professores, por meio de vídeos e voltada para a reflexão prática das relações de ensino e aprendizagem, por outro lado, emerge, nessa década ainda, uma espécie de crítica a esse modelo formativo.

Os grupos intelectuais e críticos, os sindicatos, as entidades de classe, como ANPED, ANFOPE, CEDES, vêm a público apresentar uma série de documentários e discursos. Então, nesse sentido, professores que não comungavam com a visão de educação veiculada pelo Estado promovem palestras e debates, que, de alguma maneira, foram editados e transformados também em vídeos de formação de professores.

O Salto Para o Futuro na formação de professores

Ao cotejar esses vídeos, com referencial teórico (Gimeno Sacristán, 1999, Nóvoa, 1999,

Imbernón, 2000, Feldmann, 2009), a análise foi dividida em: 1) **análise externa** a qual refere-se ao contexto e finalidades de cada vídeo. Nesse sentido, os momentos em que foram realizados, bem como as fontes financiadoras dos programas e os projetos públicos que os cercam, tornam-se elementos importantes para esta parte da análise.

Analisou-se, ainda, sobre os **aspectos internos** aos vídeos, no caso, a sua linguagem, procurando estabelecer relações entre o formato televisivo e as relações pedagógicas propriamente ditas. Dessa forma, as dimensões teórico-práticas, o trabalho docente e os recursos audiovisuais empregados em cada teleaula são relevantes para entender os significados de cada um dos vídeos analisados e seus propósitos formativos.

Vídeo: Sexualidade Humana – 1993



Área: Ciências Biológicas

Tema: os cromossomos e a herança genética

Imagem capturada e editada pela autoria

Sinopse:

Trata-se de um vídeo do programa “Um Salto para o Futuro” exibido em 1993 pela TVE – Brasil, com intuito de oferecer formação continuada aos professores das redes públicas do país. Neste vídeo, foi tratado o tema da sexualidade com ênfase na função dos cromossomos e na herança genética para a composição dos seres humanos. A teleaula é dividida em três partes: a introdução é feita pelo apresentador do programa, seguida por uma animação na qual o tema é apresentado com caráter científico, mas, ao mesmo tempo, com linguagem simples e acessível. Na sequência, dois especialistas,

sendo um médico e uma psicopedagoga, tecem explicações mais aprofundadas sobre o assunto e, por último, são recebidas ligações telefônicas de cursistas, selecionados entre os telepostos espalhados pelo país para tirar dúvidas dos professores cursistas.

Análise externa:

Chama-se a atenção para a narração do apresentador do programa ao divulgar o sucesso do programa Um Salto para o Futuro no estado do Paraná. Dessa forma, os apresentadores pedem a intervenção de cidades do interior do Paraná via telefone para a participação no programa.

Um dos aspectos relevantes são os intervalos dos programas, nos quais são apresentadas propagandas e vídeos publicitários. Os comerciais apresentam quase sempre propagandas de programas públicos do Governo Federal ou de empresas públicas, demonstrando, assim, quem financiava o curso televisivo.

Nos intervalos também são inseridas propagandas de instituições, como SENAC, de cursos profissionalizantes e de cursos pré-vestibulares, além de uma campanha sobre a valorização dos professores do Ensino Fundamental.

Análise Interna:

O vídeo começa com a vinheta que apresenta o programa Um salto para o Futuro. Na sequência, inicia-se a apresentação em formato telejornalístico, com um apresentador que media as explicações, e dois especialistas: um médico e uma psicopedagoga.

Antes de começarem as explicações, o mediador pede que seja exibido um vídeo introdutório. Tal vídeo é apresentado em formato de animação e tem como tema os cromossomos. A animação tem uma linguagem bastante simples e compara as células de um ser humano a tijolos de uma construção. Segundo a animação, “são necessários bilhões de tijolos, ou seja, de células para se fazer um homem ou uma mulher”.

Ao final da animação, volta-se ao estúdio para a complementação teórica dos especialistas. Tanto o médico quanto a psicopedagoga tecem explicações sobre o fenômeno da reprodução, do ponto de vista biológico e psicológico. Ambas as explicações apresentam caráter abstrato e teórico, permeadas por temas científicos, como cromossomos, zigoto,

informações genéticas, limitações, fenótipo, genótipo etc.

Torna-se curiosa a atenção dada para as explicações do médico sobre as “alterações cromossômicas possíveis na formação fetal que podem causar retardos mentais ou mongolismo”. (Vídeo 1) Essas explicações têm caráter científico e linguagem de difícil compreensão.

Essa apresentação teórica tem a duração de aproximadamente 10 minutos. Na sequência, o apresentador chama a participação de alguns telepostos do país para perguntas e/ou intervenção dos participantes.

As questões feitas pelos professores(as) nos telepostos distanciam-se do tema do ensino-aprendizagem da sexualidade humana: as questões são de caráter eminentemente científico e/ou clínico. Tais questionamentos foram sobre cólicas menstruais, gravidez tubária, reversão de métodos contraceptivos definitivos, aborto, síndromes nos fetos, infertilidade e homossexualidade.

Entende-se que o discurso do médico sobressaia às questões de ensino-aprendizagem, e é isso que acontece no vídeo analisado: as questões são direcionadas para o médico, e a psicopedagoga não é solicitada, cabendo a ela apenas a complementação de algumas questões. Salienta-se, ainda, a forma estritamente teórica e científica como as questões foram tratadas, transparecendo o desconhecimento dos(as) professores(as) participantes do programa sobre aspectos que não são necessariamente abordados na preparação inicial. Não é de se negar que essas questões realizadas possam contribuir com o aprendizado dos docentes, contudo parecem ter se distanciado do tema original.

Acerca da relação teórico/prática (Gimeno Sacristán, 1999), essa teleaula fica distorcida, de certa maneira, com a intermediação, pois é excessivamente teórica e marcada pelo discurso científico e clínico, isto é, pouco ou nada se aborda dos aspectos pedagógicos.

Nesse sentido, o foco da vídeoaula, que inicialmente era de reprodução humana, se tornou secundário. As dúvidas apresentam um caráter pessoal e não propriamente de questões educativas ou de caráter de ensino-aprendizagem.

Do ponto de vista técnico, mesmo tendo à disposição o aparato televisivo, poucos recursos de ensino e aprendizagem são explorados. Não são apresentados gráficos, esquemas, recursos gráficos e animações (exceto no início da teleaula). O tira-dúvidas do programa pouco contribui com aspectos pedagógicos. Contudo, entende-se que são as primeiras experiências de vídeos voltados para a formação docente em grande escala; dessa forma, evidencia o caráter experimental do programa.

A Matemática e o cotidiano – 1995



Tema: Matemática

Imagem capturada e editada pela autoria

Sinopse:

Programa apresentado em 1995, com intuito de promover uma visão mais moderna e prática da Matemática, voltada para as ações cotidianas nas quais o conhecimento matemático se faz presente.

Análise externa:

Vídeoaula transmitida de uma emissora de televisão da cidade do Rio de Janeiro para os mais diversos telepostos do Brasil. Tem como destinatário o Ministério da Educação, por meio do programa Salto Para o Futuro.

Esse programa, apresentado como vídeoaula de metodologia do ensino-aprendizagem de Matemática, é exibido em narrativa jornalística. Dividem a bancada do programa um apresentador e dois comentaristas especialistas, que são, supostamente, dois professores pesquisadores da área de Matemática. Contudo, essa informação não é evidenciada por nenhuma legenda ou fala explícita.

Análise Interna:

A narrativa da teleaula é bastante elaborada e sua sequência é composta de muitos elementos que conduzem os professores cursistas a tomarem aquele conteúdo como verdadeiro, e a linguagem jornalística contribui com esse objetivo.

A vídeoaula inicia-se com uma apresentação teórica sobre o ensino de Matemática na atualidade e chama a atenção para o fato de que essa disciplina deve ser entendida como algo presente no cotidiano das pessoas, e não como uma abstração presente apenas nas escolas. Dessa forma, é apresentada uma sequência de imagens e sons que buscam dar um caráter popular à Matemática.

Tal narrativa é muito sofisticada, enredada por uma música de Luiz Gonzaga, com os seguintes dizeres:

Eu lhe dei vinte mil réis
Prá pagar três e trezentos
Você tem que me voltar
Dezesseis e setecentos!
Dezessete e setecentos!
Dezesseis e setecentos!

Essa sequência mostra imagens de uma feira livre com muitos populares transeuntes fazendo compras de produtos alimentícios. Em meio a essa cena, são realizadas entrevistas com pessoas da feira sobre o nordeste do Brasil. Nessas entrevistas, foram as seguintes perguntas: “Desde quando o senhor ou a senhora vive aqui?” “pretende voltar para o nordeste?”, enquanto a cena continua a mostrar imagens e sons que sugerem uma feira popular, frequentada por pessoas oriundas da região nordeste para fazer compras, utilizando pesos, medidas e moedas.

A ideia expressa por esse meio de comunicação é de atribuir à Matemática o significado de algo popular e presente no cotidiano das pessoas, em momentos comuns do dia a dia.

A seguir, a matéria jornalística é cortada, e a cena volta para o estúdio em que se encontram a apresentadora e os dois especialistas em Matemática. A apresentadora pede aos professores dos diversos telepostos do país que telefonem para tirar dúvidas, e um número de telefone da cidade do Rio de Janeiro é citado para essa finalidade.

Segundo o programa, os especialistas tiram dúvidas ao vivo de professores de telepostos do Rio

de Janeiro e de Fortaleza. As dúvidas são sobre como ensinar Matemática com facilidade de compreensão para os alunos das séries iniciais. Os especialistas, sempre prontos, respondem passando as fórmulas de trabalho que consideram melhores para cada caso.

A seguir, é apresentada uma peça de teledramaturgia na qual a Matemática é aplicada, a fim de fortalecer a ideia de que a Matemática trabalhada na escola deve vir do interesse e do cotidiano dos(as) alunos(as), isto é, é necessário que os alunos entendam que precisam da Matemática em diversas ações da vida.

Percebe-se claramente que o vídeo de ensino de Matemática é bastante elaborado do ponto de vista da técnica, o que o torna prazeroso de ser assistido por um professor. Sua linguagem e estética são muito próximas de um programa de televisão, pois unem narrativa de textos, imagens e sons com intervenções de apresentadores e especialistas para entreter o telespectador.

Um aspecto positivo desse vídeo é o conteúdo ser tratado de forma teórica e prática (Gimeno Sacristán, 1999), pois primeiro são apresentadas as teorias da Matemática e, só depois, os exemplos da prática baseados no cotidiano. Os comentários dos especialistas também valorizam o saber das crianças e suas realidades, por isso induzem os telespectadores-professores a seguirem esta proposta de trabalhar a Matemática a partir da realidade dos educandos.

Contudo, apesar dessas qualidades, os vídeos apresentam alguns aspectos falhos, pois são demasiadamente práticos, como se ensinar matemática fosse simples, bastando seguir os passos propostos nas narrações. Isto atribui aos vídeos as críticas feitas por uma das entrevistadas o caráter utilitarista das teleaulas. Seguindo-se as receitas é possível superar os *déficits* de aprendizagem, fato que não é tarefa simples e não depende exclusivamente dos professores, como sugerem os vídeos.

A sugestão, portanto (Young, 2007), é um currículo que considere a cultura e o interesse dos(as) alunos(as), isto é, mas sem abandonar os conteúdos. A ideia é abrir as portas da escola para a vida e incorporar as necessidades matemáticas à vida cotidiana ao currículo escolar.

O patrimônio cultural atua de três maneiras no desenvolvimento econômico dos territórios: como fonte de atividades que se referem à oferta e consumo de bens e serviços, como alavanca para potencializar os recursos do local e como fator de atração. Nos três casos é possível identificar, direta ou indiretamente, valores de uso. A partir disso conclui-se que a “economia do patrimônio” se caracteriza como atividade de forte potencial na geração de emprego e renda, não apenas pelo segmento turístico, mas também pela atração de novos residentes e investimentos, considerando, sobremaneira, que esse patrimônio cultural seja mantido e valorizado, conforme aponta Xavier Greffé:

El valor de existencia es el que presenta un monumento independientemente de su uso. Es un valor en si mismo, unido a la existencia misma del monumento. Junto a este valor de existencia, existe un valor de uso que consiste en el hecho de que el monumento sea visitado, reorganizado, etc. [...] antes de ver cómo lo pasamos de un valor de uso a diferentes valores económicos, es importante hacer hincapié en la gravedad del problema y la creciente importancia sacada del valor de uso en la crisis financiera que enfrenta actualmente a los países. (Greffé, 2023, 02).

A partir do final da década de 1980, foram intensificadas propostas de conferências mundiais destinadas à discussão da cultura como um vetor de desenvolvimento mundial. Um exemplo significativo desses eventos foi “Las Políticas Culturales (Mondiacult)”, a Organização das Nações Unidas (ONU) lançou a Década Mundial do Desenvolvimento Cultural (1988-1997), com a criação simultânea da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco). Em 1996, o trabalho realizado pela Comissão deu origem ao relatório intitulado Nossa Diversidade Criadora, que reafirma as teses aprovadas pela Mondiacult e formula uma agenda dedicada a mobilizar a comunidade internacional para o enfrentamento dos desafios envolvendo a conjunção cultura e desenvolvimento. Em 1998 a Unesco realizou, em Estocolmo, a Conferência Intergovernamental sobre Políticas Culturais para o

Desenvolvimento, que propôs um plano de ação dedicado ao reforço do papel das políticas de preservação do patrimônio cultural nas estratégias de desenvolvimento, afirmando a necessidade de proteção e promoção da diversidade cultural.

Mais recentemente, dando continuidade a esse impulso, a MONDIACULT 2022, realizada de 28 a 30 de setembro na Cidade do México, se destacou como o maior encontro mundial sobre cultura dos últimos 40 anos, com o potencial de reunir cerca de 2.600 participantes, incluindo 135 ministros de cultura. Neste encontro histórico foi deliberado pelos participantes a adoção da Declaração MONDIACULT 2022, que mapeou desafios e oportunidades para as políticas culturais e o desenvolvimento sustentável em âmbito global. A conferência reforçou o papel da cultura como um bem público global e sublinhou a importância da relação entre o patrimônio cultural e a economia, uma continuação direta das iniciativas anteriores da Unesco para promover a diversidade cultural e o desenvolvimento em uma escala global.

David Throsby (2001) reconheceu a importância da cultura para o desenvolvimento econômico, uma vez que a maneira pela qual um grupo social se comporta está diretamente relacionada ao conjunto de valores e fatores culturais que se fazem representar nessa sociedade.

[...] a escala agregada, podríamos observar la influencia de la cultura em los resultados macroeconómicos medidos según indicadores de eficacia como la tasa de crecimiento del PIB per cápita, las tasas de cambio tecnológico, los niveles de empleo, los índices e direcciones del cambio estructural, etc., y según los indicadores de equidad tales como los patrones de distribución de la renta, los programas de bienestar social (especialmente el cuidado de los ancianos e los enfermos), la oferta de servicios comunitarios y la voluntad de establecer programas de inversión pública a largo plazo. (Throsby, 2001, p. 76).

Esse entendimento pressupõe adotar uma visão da preservação do patrimônio menos endógena, ou seja, para além da preservação per se, ampliando seu alcance para o potencial socioeconômico e o consequente desenvolvimento advindo das ações de preservação. Nesse sentido, o

objetivo transcende a finalidade exclusiva de recuperação do patrimônio, estimulando e facilitando o usufruto do bem restaurado, o que contribui, como veremos a partir do exemplo de Cachoeira, para ampliar o leque de apropriação da sociedade, promovendo maior dinamismo econômico local.

Faça e Refaça - 1993



Área: Educação Artística

Tema: Como fazer massa de modelar caseira para trabalhar com alunos na Educação Básica e como trabalhar com canudinhos na escola.

Imagem capturada e editada pela autoria

Sinopse:

Vídeo de 1993 que se propõe ofertar aos docentes da educação básica formação para a disciplina de artes. É apresentado pelo programa Um Salto para o Futuro e produzido pela TV/Escola.

Análise externa:

Os vídeos da disciplina de Artes foram elaborados para serem reproduzidos, e não apresentados como teleaulas. Isso vai ao encontro de nossa hipótese de que, em alguns casos, os vídeos são a única ferramenta de formação dos docentes. Dessa forma, não são apresentados em formato telejornalístico, com intervenções simultâneas nos polos de aprendizagem, mas sim como matérias informativas chamadas pelo apresentador.

Análise Interna:

As videoaulas de Artes parecem estar voltadas para o fazer, mas não o fazer docente, a fim de explicar como trabalhar esse tipo de artes em sala, ou,

ainda, com intuito de explorar as potencialidades dessa atividade com os educandos(as). Ao contrário, o vídeo ensina práticas de artesanato, sem conexões com conteúdos escolares, tampouco situa o lugar dessa atividade no currículo. Dessa forma, esse vídeo em especial não discute sua importância no processo de formação docente.

No referido vídeo, são ensinadas técnicas de trabalho com canudinho, cuja atividade a professora da teleaula menciona que pode ser utilizada em sala para o desenvolvimento da concentração e da coordenação motora das crianças. Ademais, as lições de como fazer as atividades parecem ter um fim em si mesmas.

A Construção de uma nação - 1995



Área: Educação de jovens e adultos

Tema: História negada

Imagem capturada e editada pela autoria

Sinopse:

Vídeo produzido pela TV/Escola, difundido pelo programa Salto para o Futuro, com objetivo de ofertar aos professores capacitação para atuar com a educação de adultos.

Análise Externa:

Este vídeo é composto por uma série de vídeos fundamentados na visão crítica da Educação Básica, para a qual o Estado teve de despender grandes esforços, a fim de resolver os índices educacionais. Tal visão nos é apresentada pela narrativa dos intervalos comerciais, que apresentam sucessivas propagandas do Governo, as quais concebem a educação como peça-chave no desenvolvimento econômico e social do país.

Esse momento histórico coaduna com a maior circulação das teorias críticas do currículo que orientam os programas de governo, dado que até o próprio Paulo Freire, educador-símbolo desse modelo crítico de educação de adultos, esteve à frente do governo na Prefeitura de São Paulo, no início da década de 1990.

Esse discurso crítico que prevê um tempo de preparação mais aprofundado e conscientização política para a imensa massa de pessoas que ainda não tinham concluído a educação básica ou de escolaridade nula, chega, também, aos projetos de formação de professores por vídeo.

Análise Interna:

O vídeo de abertura contém uma matéria gravada sobre o grande número de brasileiros fora da escola ou que não puderam frequentá-la por causa do trabalho que realizam desde a infância.

Para justificar essa visão, estabelecem-se interlocuções com populares nas ruas e finaliza-se com a intervenção do sociólogo Herbert de Souza – Betinho –, o qual concorda com a ideia baseada na visão crítica a respeito do grande déficit da formação básica educacional brasileira.

Outra característica bastante presente nesse vídeo são as cenas de pessoas trabalhando nas mais diversas áreas, sobretudo como operários em fábricas e funcionários do comércio. Dessa forma, mais uma vez é passada, por meio das imagens e sons, a ideia de que a educação pode resolver problemas da vida dos cidadãos. Essa visão de educação de adultos é marcada pela concepção do trabalho e, com base nisso, a educação seria uma mola para a economia e para o trabalho.

A trama do olhar - 1998



Área: Linguagem e comunicação e artes
Tema: Recursos audiovisuais na educação escolar
Produção: TVE RJ
Imagem capturada e editada pela autoria

Sinopse:

Vídeo produzido pela TV/Escola do Rio de Janeiro, para ser apresentado durante sua programação e também para a difusão em salas de formação continuada por meio do programa Salto para o Futuro, objetivou capacitar professores para atuação com a disciplina de Língua Portuguesa.

Análise externa:

Do ponto de vista da técnica, esses vídeos têm características diferentes dos da série anterior do Salto para o Futuro. A partir desse momento, 1998, os vídeos de formação docente passam a integrar a grade de programação da TV/Escola do MEC. Portanto, esses vídeos eram gravados pelas escolas para serem exibidos em momentos oportunos para os docentes.

Por esse viés, os vídeos gravados assumem um caráter menos institucionalizado, e a formação passa a ser um programa diluído na grade de programas educativos da TV. Outra característica marcante é a linguagem teledramatizada. Nesses programas não existe uma grande diferença entre os gêneros filme e documentário, por exemplo.

Análise interna:

Nessa fase dos cursos por vídeos, há uma relação mais estreita com a pedagogia contemporânea com foco interdisciplinar, e, do ponto de vista discursivo, os vídeos são altamente elaborados enquanto produtos televisivos.

Essa característica indica que esses vídeos são mais produtos da mídia televisiva do que propriamente cursos voltados à formação de professores, uma vez que mesclam imagens de museus, músicas populares, usam frequentemente recursos como troca de imagens e sucessivas cores, a fim de se tornarem uma linguagem mais atrativa, isto é, que prenda a atenção.

Diferentemente dos outros vídeos iniciais do Salto Para o Futuro, cujo caráter assemelha-se mais a matérias jornalísticas, com depoimentos de especialistas e professores, os vídeos do final da década de 1990 são histórias interpretadas por atores, tal como uma telenovela.

Nesse vídeo em específico, é narrada a história de uma professora, que parece ser uma mulher muito simples. Ela trabalha em uma escola de periferia que não tem acesso aos bens culturais. Até que um dia, essa professora se questiona sobre a “habilidade de olhar”.

Durante a história, essa personagem conta a outra personagem, também professora, que seus alunos não têm condições de se alimentar. E depois questiona se é possível apreciar a arte sem ter as condições básicas de sobrevivência. A colega fala sobre a importância da arte e da alfabetização cultural e artística, que são tão importantes quanto os outros conhecimentos, como os matemáticos, por exemplo.

Em outra sequência de imagens, mostram-se as professoras trabalhando artes com seus alunos, e logo em outra cena mostram-se as crianças correndo com aspectos de felicidades pelo pátio da escola. Outras cenas exploram variadas formas de artes, como músicas do Clube da Esquina, de João Gilberto, além de revistas que representam obras de artes plásticas.

Daí em diante, nesse vídeo, a outra personagem professora aparece trabalhando com seus(suas) alunos(as) o conteúdo sobre Pablo Picasso e o cubismo em sala de aula, e eles(elas) parecem bastante interessados(as).

No final, aparecem cenas da professora em um sofá, com caderno na mão, assistindo a uma teleaula. A professora que apresenta a teleaula, nesse vídeo, afirma que toda criança tem que brincar e aproveitar a TV para aprender mais.

A mensagem do vídeo abre precedente para interpretação de que todos(as) os(as) professores(as) podem mudar suas concepções sobre o ensino de artes nas escolas independentemente da classe que ocupam ou do nível sociocultural de seus(suas) alunos(as). Propõe também a mensagem sutil de que cabe ao docente a responsabilidade pela aquisição de conhecimentos e se capacitar para despertar outro olhar em seus alunos(as). Acredita-se que a autoformação é importante na vida de todos os indivíduos, mas a capacitação para o trabalho docente na rede pública de ensino é uma função pública indispensável.

A experiência formativa

Na década de 1990, no Brasil, os professores formados por vídeos estavam envolvidos em uma conjuntura histórica, política, cultural e econômica. Histórica porque a problemática da preparação para o ofício docente foi herança advinda do século XIX, quando os governantes buscavam uma solução para a questão. Política, porque na tentativa de solucionar a falta de licenciados bem formados, o Estado elaborou e instituiu uma série de programas de capacitação por vídeos. Cultural, por se tratar de um elemento da mídia que serviu a toda uma cultura que se tornou hegemônica no final do século XX.

Centrando-se a análise nessas dimensões (Histórica, Política, Cultural e Econômica), é possível compreender o contexto formativo a que os(as) professores(as) foram submetidos(as) durante o período em que estavam em serviço. Daí é possível entender o uso intensivo de vídeos.

Durante a Ditadura Militar no Brasil (1964-1985), a tentativa de reverter a falta de professores deu-se a partir da implantação de programas de capacitação rápida, como os cursos de Licenciatura Curta. Esses cursos ofertavam formação inicial aos egressos para que eles pudessem atuar nos níveis de primeiro e segundo graus implantados pela LDB Lei nº 5.692/71. Ocorre que, em contrapartida à capacitação rápida, os professores passariam por cursos ao longo da carreira docente. (Tanuri, 2000).

Com a redemocratização, a partir dos anos 1980, o Brasil tinha um grande número de

professores(as) com formação insuficiente egressos(as) desses cursos de curta duração, e que, por isso, necessitava de uma complementação pedagógica. O problema se exacerbou a partir dos anos 1990, quando foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação lei 9.495/96, a qual colocou fim às licenciaturas curtas, que foram suplantadas pelas licenciaturas plenas. Essa lei também extingue disciplinas curriculares, como a Educação Moral e Cívica e Organização Social Política Brasileira.

Ratificou-se, ainda, a proposta de gestão democrática da escola, a qual já havia sido apresentada pela Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, constituição esta, de caráter democrático elaborada pela assembleia nacional constituinte após o período de Ditadura Militar, a qual ressaltou os direitos individuais sociais e o retorno à democracia.

Neste cenário, o Estado brasileiro procurou ofertar aos docentes que já estavam em serviço um conhecimento que fosse capaz de prepará-los para as novas mudanças. Alguns indícios da atuação política foram: formação em serviço para complementação da carga horária que obtiveram na licenciatura curta, para que, assim, pudessem alterá-la para licenciatura plena; a atualização pedagógica para os novos conteúdos curriculares da sociedade democrática.

Acompanhando todo esse processo, assiste-se à emergência das tecnologias de informação e comunicação, que, aos poucos, foram se tornando mais acessíveis e presentes na vida das escolas e professores, como os VHSs. Nessa perspectiva, o Estado, através de órgãos, como o Ministério da Educação, e por meio da TV/Escola e de programas como o Salto Para o Futuro, estabelece uma ligação entre reparação histórica da falta de professores, atualização pedagógica e uso das novas mídias, incorporando-se à cultura das escolas na década de 1990.

Atualmente, com o desenvolvimento das TICs, o governo e a cultura midiática, forjada em grande parte em nosso país pela mídia de massa, vêm imprimindo, desde o fim dos anos 1990, um discurso favorável ao uso desses meios em larga escala, inclusive na formação de professores, sem avaliar, a longo prazo, as implicações desse processo.

Finalidades e contextos dos cursos por vídeos

Os cursos de formação em serviço, contínua, continuada, treinamento e reciclagem obedeceram a uma lógica de projeto de mais ampla, ligada às propostas do Estado. Nessa categoria, pretende-se demonstrar e aprofundar alguns desses cursos em suas conjunturas macro e microestruturais.

Primeiramente, o conceito de formação continuada de professores não é algo novo, mas, se pensarmos na história da Educação, foi apenas na década de 1980 que o Estado começou a apresentar maior preocupação com o tema e com a oferta de cursos públicos para capacitar os professores que já estavam em serviço.

Dessa forma, o problema e o tema da formação tornam-se mais urgentes, a partir dos projetos da Ditadura Militar, que pretendiam oferecer escola elementar a toda população. Isso aconteceu, em grande medida, por pressões da lei 5.692/1971, que estabeleceu diretrizes para o ensino de primeiro e segundo graus.

Nesse contexto marcado pela corrente pedagógica do tecnicismo, a formação docente era realizada em escolas normais secundárias, cursos estes que se demonstraram insuficientes já no fim da década de 1970, dado que não atendiam às demandas culturais nem legais do contexto.

No início da década de 1980, a formação continuada permaneceu como medida para superar as deficiências da falta de preparação inicial e para preparar o professor que já estava atuando no ensino público do país. Uma vez que as instituições privadas não eram para as massas e sua carreira era mais compensadora financeiramente, esse fator atraía os professores com nível superior. Sendo assim, o público-alvo desses cursos eram as professoras de cidades do interior ou, em alguns casos, de escolas rurais, cuja maioria detinha apenas o curso normal ou magistério secundário.

Foi ainda, particularmente nos anos de 1990, que cresceram os programas de Formação em Serviço e Reciclagem, ancorados nas tecnologias de informação e comunicação disponíveis na época, a exemplo do VHS, para oferecer uma capacitação, mesmo que superficial, aos docentes da rede pública que trabalhavam em localidades mais distantes,

O conceito de reciclagem foi amplamente utilizado até o fim da década de 1980 e 1990, pois significava que os(as) professores(as) poderiam ser melhorados para atuar naquilo que já vinham realizando. Tal termo amplamente utilizado como sinônimo de formação.

Outra característica questionável desses cursos é a finalidade de capacitar professores(as) para determinadas áreas da educação, sem que esses docentes, em muitos casos, tivessem sequer a formação inicial necessária para atuação. Alguns professores(as) faziam do curso, especialmente o Salto para o Futuro, como uma forma de habilitar-se em outra licenciatura.

No referido contexto, de reformas rápidas, a fim de resolver o déficit educacional, os cursos de capacitação em serviço foram colocados de forma impositiva aos docentes. Dessa forma, os cursistas desses projetos matriculavam-se por determinações superiores, e, ainda, suas progressões na carreira estavam condicionadas a tais cursos, o que os conduzia na sequência de módulos e etapas. Um número significativo desses docentes sequer sabia que se tratava de um curso de formação continuada.

Com base na cultura escolar, segundo Julia (2001), a qual indica que, ao assimilar e reproduzir certos comportamentos, muitos dos professores das cidades mais distantes do interior, para os quais ter acesso a uma universidade de qualidade era, e ainda é muito complicado, viam o Salto para Futuro, por exemplo naquele contexto, como a única saída. Embora distante do ideal, era a modalidade de aprendizagem possível diante das condições de trabalho e da preparação inicial precária que boa parte desses docentes detinha.

Adiante, veem-se os significados desses cursos na representação dos(das) professores(as), entendido nas palavras de Chartier (1990, p.17), que diz que a representação busca “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”.

Nesse sentido, as políticas do Estado visaram atender a superação das lacunas na formação inicial, certificar os professores para ascensão na carreira, enquanto a relação teórico/prática com a finalidade de melhorar a relação de ensino e aprendizagem foi secundária neste processo.

Considerações finais

Longe de querer esgotar a temática este artigo pretendeu de forma concisa apresentar o problema da formação de professores e como este meio de formação se fez presente no Brasil da década de 1990. A TV e a Mídia foram utilizadas não só como meio de entretenimento, mas como política pública de educação.

Os vídeos em seu conteúdo interno e externo eram bastante sofisticados para as tecnologias da época, contavam com a melhor tecnologia disponível no contexto. Disponham de especialistas e acadêmicos como participantes nas transmissões, mas ainda assim, demonstrou-se insuficiente como política de formação de professores.

Este artefato audiovisual, revelou-se um projeto bastante aligeirado de educação dos mestres e mestradas do Brasil. Pessoas que deveriam passar por este tipo de formação que em alguns momentos levou o nome de reciclagem, capacitação, mas que pode ser facilmente definida como uma forma precária de formação continuada.

Referências

- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- FELDMANN, Marina Graziela. [Org.]. **Formação de professores na contemporaneidade**. São Paulo: Editora SENAC, 2009.
- GIMENO SACRISTÁN, José. **Poderes Instáveis em educação**. Trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre, Artmed, 1999.
- IMBERNÓN, Francisco [Org.]. **A Educação no século XXI: Os desafios do futuro imediato**. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- JULIA, Dominique. **A cultura escolar como objeto histórico**. Revista Brasileira de História da Educação, Campinas, n. 1, p. 9-44, 2001.
- MENDONÇA, Rosa Helena. **Salto para o Futuro: uma trajetória de diálogo**. Disponível em: <http://tvbrasil.org.br/saltoparaofuturo/quem-somos.a.sp>. Acesso em: 20 Ago. 2012.
- NÓVOA, Antonio (Org.). **Profissão professor**. Porto, PT: Porto Editora, 1995.
- NÓVOA, Antonio. Porque a História da Educação? *In*: Stephanou, Maria, Câmara Bastos, Maria Helena. **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**. Vol. III – Séc. XX. Petrópolis, RJ, Vozes, 2005.
- OLIVEIRA, Dalila Andrade; FONSECA, Marília. O Banco Mundial e as políticas de Formação Docente: a centralidade da educação Básica. *In*: HIDALGO, Angela Maria; SILVA, Ileizi Luciana Fiorelli. [Orgs.]. **Educação e Estado: As mudanças nos sistemas de ensino do Brasil e do Paraná na década de 90**. EDUEL, 2001.
- ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil (1930-1973)**. 38 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.
- SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações**. 7 ed. Campinas/SP: Autores Associados, 2000.

SAVIANI, Dermeval; ALMEIDA, Jane Soares de; SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa. **O Legado Educacional do Século XIX**. 2 ed. Campinas/SP: Autores Associados, 2006a.

SAVIANI, Dermeval; ALMEIDA, Jane Soares de; SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa. **O Legado educacional do Século XX**. 2 ed. Campinas/SP: Autores Associados, 2006b.

SAVIANI, Dermeval. **História das Ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas-SP: Autores Associados, 2007.

TANURI, Leonor Maria. **História da Formação de Professores**. Revista Brasileira de História de Educação, 2000.

TARDIF, Maurice. Lessard, Claude. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 5 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009.

YOUNG, Michael. Para que servem as escolas? **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 28, n. 101, p. 1287-1302, 2007.